

Na próxima semana, eu vou ao norte de Minas Gerais participar de um marco importante para o maior projeto de irrigação do Vale do São Francisco, o Jaíba. Faço questão de assistir ao assentamento do milésimo produtor rural irrigante do Jaíba.

O sucesso desse projeto é o resultado de parceria entre governo de Minas, Governo Federal, através da Codevasf, e organizações financeiras como a OECF, do Japão, e Banco Mundial. No projeto do Jaíba, são usadas as melhores e mais eficazes técnicas de irrigação do mundo.

Irigar, no Brasil, traz respostas imediatas, como aumento da oferta de emprego. E, justiça se faça, em poucas atividades a geração de emprego permanente tem custo tão baixo quanto na irrigação de frutas e hortaliças.

Com essas culturas, gera-se um emprego com cada 10 mil reais investidos. Só para você comparar, devo lembrar que o custo médio de emprego na indústria é cerca de dez vezes maior.

O nosso semi-árido tem vocação para a hortifruticultura. E uma das principais conseqüências do crescimento da renda, a partir do Real, foi o gigantesco aumento do consumo de frutas e verduras. Provam isso varejões e supermercados, que fazem permanentes campanhas de promoções de preços baixos baseadas em produtos vegetais.

A maior parte da população brasileira consome frutas e verduras de terras irrigadas. A irrigação, não se sujeitando às chuvas, estabiliza a oferta e, conseqüentemente, os preços. Mas há também o mercado

mundial carente, sobretudo, de frutas e derivados. E nós estamos longe de ocupar posição competitiva nesse caso.

O Chile, com menor potencial, mas bem mais previdente do que o Brasil, exporta em frutas hoje o equivalente a 1 bilhão de dólares por ano. As frutas e derivados que vendemos ao exterior correspondem apenas à quinta parte da exportação chilena. Isto é um disparate, se a gente considerar a estabilidade do nosso clima quente e seco, que permite, por exemplo, a colheita de cinco safras de uva num período de dois anos. No Nordeste, isso significa transformar o que era problema numa excelente solução.

Precisamos apressar a nossa caminhada. E eu convido produtores, investidores e empresários interessados nos negócios de produção e industrialização de frutas e hortaliças a desembarcarem nas margens do rio São Francisco ou em outras regiões do semi-árido. Para apoiá-los, oferecemos, além do suporte técnico e gerencial, órgãos de financiamento, como o Banco do Nordeste e o BNDES, que garantem linhas de crédito adequadas.

O nosso governo tomou outra medida para aumentar a motivação do irrigante. As comunidades próximas do projeto agora fazem parte dele. Elas deixaram de considerar a irrigação como obra do Governo, da Codevasf ou do Dnocs. A comunidade participa até da seleção dos colonos, que, de dois anos para cá, só são escolhidos por mérito. Essa política adotada por nosso Ministro do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Gustavo Krause, deu muita força aos projetos.

Graças a essa mudança, colonos, empresários, funcionários do Governo responsáveis pelas obras de infra-estrutura tanto se sentem como de fato são sócios do mesmo empreendimento.